

## METÁFORAS NEGRAS – O PRECONCEITO RACIAL INSCRITO NA LINGUAGEM



## BLACK METAPHORS – RACIAL PREJUDICE INSCRIBED IN LANGUAGE

ROBERTA DA COSTA VIEIRA  
UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)  
RECEBIDO EM 03/07/2018 • APROVADO EM 19/02/2019

---

### Abstract

---

The aim of the present study is to demonstrate how certain linguistic metaphors, licensed by underlying conceptual metaphors (LAKOFF & JOHNSON, 1980 [2002]), introject racial bias in the speakers. The recurrent use of these metaphors, known as “black metaphors” (PAIVA, V.L.M., 1998) allows the dissemination of biased values that permeate the language. A brief analysis of excerpts taken from the journalistic discourse will illustrate the issues discussed here.

O objetivo do presente trabalho é demonstrar como determinadas metáforas linguísticas, licenciadas por metáforas conceptuais subjacentes (LAKOFF & JOHNSON, 1980 [2002]), introjetam o preconceito racial nos falantes. O uso recorrente dessas metáforas, conhecidas como “metáforas negras” (PAIVA, V.L.M., 1998), permite a disseminação de valores preconceituosos que permeiam a linguagem. Uma breve análise de excertos retirados do discurso jornalístico ilustrará as questões aqui discutidas.

---

## Entradas para indexação

---

**KEYWORDS:** Metaphor. Journalistic discourse. Racial prejudice.

**PALAVRAS CHAVE:** Metáfora. Discurso jornalístico. Preconceito racial.

---

## Texto integral

---

### Introdução

A sociedade brasileira é o resultado da miscigenação de vários grupos étnicos, o que favoreceu o contato entre diferentes culturas e a formação de um país inegavelmente plural. Pode-se dizer que três são os grupos básicos formadores da população brasileira: índios, portugueses e negros de origem africana. O permanente contato entre as culturas desses povos gerou uma diversidade cultural de valor inestimável, mas também desencadeou uma série de conflitos, uma vez que o colonizador europeu, por meio da violência, sempre tentou submeter os índios e, principalmente, os negros, a seus interesses, sua religião, seus valores. Ademais, essa aproximação foi marcada pela exploração, marginalização e exclusão social dessas etnias.

Em virtude dos séculos de escravidão e das escassas políticas de inserção do negro na sociedade após a Abolição da Escravatura em 13 de maio de 1888, o negro foi e continua a ser visto como um problema por uma parcela da sociedade brasileira contemporânea. Ele é percebido, muitas vezes, como ameaçador e inferior. Seu cotidiano é marcado por situações em que o preconceito, a exclusão e o descrédito prevalecem, gerando, nessas pessoas, sentimentos de vergonha de si e de inadequação. Menezes (2002) assevera que o opressor atribui a sua cultura tudo aquilo que considera civilizado, ao passo que a cultura do outro é percebida como primitiva. Assim, o negro acaba sendo visto como o “intruso” que trará a desordem. De acordo com Heler (1988), o preconceito pauta-se em um forte componente emocional capaz de levar os indivíduos a se distanciarem da razão.

O preconceito racial pode ser disseminado de diversas formas, dentre as quais, a linguagem. De fato, é inegável que as palavras têm o poder de machucar e de ferir, uma vez que modelam sentimentos e emoções. A linguagem metafórica, especialmente, em virtude de sua capacidade de mediação entre a cognição e a emoção, é capaz de influenciar crenças, valores e até mesmo atitudes. Por meio da linguagem, os falantes de uma determinada comunidade linguística constroem e incorporam ao seu repertório, metáforas veiculadoras de preconceito racial – as chamadas metáforas negras (PAIVA, V.L.M., 1998). Seu uso intenso pela comunidade linguística faz com que os falantes incorporem valores preconceituosos que permeiam a linguagem e passem a considerá-los como seus. O discurso do opressor passa a ser então veiculado de forma maciça. Paradoxalmente, até mesmo aqueles que sofrem em virtude dos preconceitos disseminados por essas metáforas acabam fazendo uso constante delas e, dessa forma, contribuem também para a manutenção dessa realidade.

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho é promover uma reflexão acerca do papel das metáforas negras – metáforas que são construídas a partir de signos que representam a cor negra – na disseminação do preconceito racial. A análise será realizada a partir do discurso jornalístico em virtude de sua disseminação e aceitação entre integrantes de todas as camadas sociais. Pretendemos demonstrar como o uso reiterado das metáforas negras, que fazem parte de nosso sistema conceptual, introjetam o preconceito racial no usuário da língua.

## **1. Discurso jornalístico: mídia impressa**

O discurso jornalístico pretende apresentar relatos fidedignos dos acontecimentos recentes no país e no mundo. A decisão de transformar um fato qualquer em um acontecimento ocorre em função dos chamados critérios de noticiabilidade que lhes são atribuídos. Entre eles poderíamos citar: a relevância, a singularidade, o interesse público, a atualidade, a coerência, a verificabilidade, entre outros. Esses relatos, também chamados de notícias, são difundidos regularmente no dia a dia por meio de diferentes dispositivos da informação, atingindo todas as camadas da sociedade. Todavia, nem tudo o que é veiculado em jornais e revistas deve ser considerado jornalismo. Com efeito, consoante o entendimento de Moretzshon (2002), “em rigor não há propriamente jornalismo, mas jornalismo, com formas, métodos e objetivos bem distintos entre si, de acordo com os propósitos de quem produz e do público a quem se destina”.

Em que pese a relevância da observação de Moretzshon, não se deve olvidar de que há características que estão presentes nas diversas formas que esse discurso assume, as quais permitem a identificação de todas elas como jornalismo. Correia (2009) destaca algumas delas:

- a) Um enunciado (não científico) que se assume como verdadeiro – ou seja, que apresenta e assume como tal e se refere a objetos, pessoas e estados de coisas do mundo;
- b) Sério, no sentido em que John Searl atribui ao conceito, enquanto enunciado que tem um autor responsável pela sua verificabilidade;
- c) Atual, no sentido em que se refere a acontecimentos que ocorreram normalmente há pouco tempo e transportam alguma espécie de urgência no seu conhecimento;
- d) Relevante, no sentido em que se repercute sobre o mundo da vida do leitor ou ouvinte, isto é, é um enunciado com consequências sobre o contexto;
- e) Público no triplo sentido:
  1. circula em espaços de acessibilidade em relação aos quais não existe habilitação prévia para sua frequência;
  2. é considerado como possuindo um interesse coletivo;
  3. renega a ideia de segredo ou de sabedoria privada ou especializada, no sentido em que baseia a sua atividade na divulgação e na simplicidade dos enunciados;
- f) Produzido por profissões entendidas como legítimas para o desempenho de atividades consideradas adequadas à profissão.

(CORREIA, 2009:4-5)

No que tange à acessibilidade a temas de interesse público, cabe destacar a democratização na difusão das notícias e informações por meio de diversos veículos, sendo o jornal o principal foco desta pesquisa. Contudo, o poder persuasivo da mídia, nem sempre louvável, não deve ser subestimado. Em virtude de ser o discurso jornalístico “o resultado de um processo social de construção da realidade, definido por certas condições factuais, regras e convenções narrativas que vão desde as regras sintáticas e semânticas até as normas ético-pragmáticas do falar” (MARQUES, E., 2008), sabe-se que este tanto pode marginalizar tudo aquilo que não se submete aos seus padrões, como também pode supervalorizar ideias, situações, pessoas etc. que estejam em conformidade com seus ditames, ainda que estes últimos nem sempre sejam mais merecedores do que os primeiros. A esse respeito, Correia (2009) assevera que:

...o que é importante desperta a atenção dos *media*. Estes ao dar-lhes atenção reforçam a sua importância. Gera-se uma bem conhecida tautologia: Há assuntos que são relevantes porque os *media* os focaram, e, ao serem focados, adquiriram relevância. O

mais provável é que, sendo relevantes, venham a ser de novo objeto de atenção.



(MERTON & LAZARSFELD, 1987 *In*: CORREIA, 2009:10)

Assim, não se pode negar o poder da mídia de focar determinados assuntos em detrimento de outras possibilidades. Ademais, cabe a ela decidir o grau de importância a ser atribuído a determinado fato ou pessoa, bem como rotulá-los positiva ou negativamente. Conquanto esse poder seja inegável e, muitas vezes, de conhecimento daqueles que recebem seu conteúdo, Correia adverte que há a pressuposição da veracidade dos enunciados do autor, independentemente do tom utilizado por ele (crítico, apoiante, irônico, entre outros). Dito de outra forma, esses enunciados referem-se a pessoas, objetos, estados de coisas pertencentes ao mundo social objetivo e não a entidades fantasiosas. O autor explana que

Qualquer que seja o estilo (irônico, descontraído, ...) com que se relata o aparecimento da estrela de futebol junto a uma pessoa... que exerce a profissão de modelo, este verificou-se efetivamente ou não, e a verificação deste acontecimento quanto ao tempo e ao lugar, à qualidade e à existência de personagens torna-se um critério válido para aferir da competência profissional ou da credibilidade do enunciador. Mas será que o encontro da estrela com a modelo não implica da parte do destinatário uma expectativa vocacionada para entretenimento, verificando-se mesmo um desinteresse pelo problema da adequação dos enunciados? Certamente que sim, porém isso não impede que a própria natureza daquilo que é prometido como enunciado jornalístico, mesmo quando é jornalismo cor-de-rosa, fixe um limite e uma série de graduações para a apreciação da conformidade com o que se espera do cumprimento dessa promessa. Avaliar ou fazer sorrir ou entreter não implica criar personagens de ficção. Aliás, uma parte do sorriso ou do entretenimento provém da presunção da verdade dos fatos... Senão podia ser publicada numa antologia de contos fantásticos.

(CORREIA, 2009:20)

A própria decisão de salientar uma determinada parte do real e ofuscar e/ou omitir outras, bem como a seleção de formas linguísticas específicas, dentre muitas possibilidades, para expor uma situação, já revelam a intencionalidade, da parte do emissor/autor, de direcionar o entendimento do receptor/leitor. Isso porque o trabalho do autor dos enunciados não consiste em nomear precisamente uma realidade pronta para ser designada, mas sim na apresentação de uma realidade que é co-construída com o leitor, como fruto de atividades de

categorização. Isso não significa que a imprensa necessariamente minta ou invente. Consoante Oliveira da Silva (2006: 8) “Significa apenas que os nossos discursos são condicionados pelos limites de nossos modos de dizer, ou seja, construções do mundo dentro de certos limites impostos pelos nossos jogos de linguagem”.



Pode-se afirmar que uma descrição ou um relato totalmente objetivo do real é impossível, já que estes sempre dependem da interpretação do emissor e das suas seleções linguísticas. Assim, a partir de seus critérios e de sua perspectiva, este determinará o que enfatizar, depreciar, valorizar, omitir e assim por diante, em conformidade com seus interesses e objetivos.

Em vista do exposto, nada obstante a pretensão de neutralidade deste meio de comunicação, que se tem autopromovido como isento de conteúdos ideológicos e interesses particulares na veiculação de notícias, reconheceu-se nele a utilização de metáforas linguísticas veiculadoras de preconceito racial, as chamadas metáforas negras. verifica-se neste uso uma forma de moldar o pensamento e a visão do leitor e fazê-lo aderir ao universo de pensamento e verdade do autor do enunciado.

## 2. A metáfora conceptual

Muito se tem discutido acerca da metáfora nos últimos dois milênios. Boa parte do conhecimento que adquirimos sobre essa figura, ao longo dos anos escolares, deriva da chamada visão tradicional de metáfora. Segundo essa visão, a metáfora seria meramente uma figura de linguagem, e dessa forma, não passaria de um adorno, de um enfeite, ou seja, de um recurso totalmente supérfluo. Em virtude de sua natureza totalmente prescindível, ainda segundo essa visão, ela não teria um papel central na produção de sentidos e seu uso estaria restrito ao discurso poético ou retórico.

Com o passar do tempo, surgiram muitas outras visões de metáfora, mas foi a partir de 1980, com a publicação da obra *Metaphors we live by*<sup>1</sup> pelo linguista George Lakoff e pelo filósofo Mark Johnson, que os estudos na área ganharam novo ímpeto. Esses pesquisadores desenvolveram a chamada Teoria da Metáfora Conceptual, uma teoria de base cognitivista segundo a qual a metáfora não seria apenas uma figura de linguagem, mas uma figura, primordialmente, de pensamento.

A partir de seus estudos, Lakoff e Johnson concluíram que a linguagem metafórica não era um recurso poético, utilizado apenas por pessoas dotadas de especial talento linguístico. Na verdade, trata-se de linguagem ordinária, utilizada por todos cotidianamente. Nas palavras dos autores,

A metáfora é para a maioria das pessoas, um recurso da imaginação poética e um ornamento retórico – é mais uma

questão de linguagem extraordinária do que de linguagem ordinária. Mais do que isso, a metáfora é usualmente vista como uma característica restrita à linguagem, uma questão mais de palavras do que de pensamento ou ação. Por essa razão, a maioria das pessoas acha que pode viver perfeitamente bem sem a metáfora. Nós descobrimos, ao contrário, que a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza

(LAKOFF, G. & JOHNSON, M., 1980)

Assim, os autores defendem a existência de um sistema conceptual, subjacente à linguagem, que influenciaria não somente o nosso pensamento, mas também a nossa forma de falar e as nossas ações. Dito de outra forma, as metáforas conceptuais, como representações mentais, licenciariam ou motivariam metáforas linguísticas e “sem esse licenciamento ou motivação, as expressões metafóricas não teriam sentido imediato, aparente” (SARDINHA, 2007: 33).

Dentro dessa perspectiva, as metáforas conceptuais são formadas por mapeamentos entre o domínio fonte – mais concreto – e o domínio alvo – mais abstrato. Assim, a título de exemplo, os usuários da língua têm um conhecimento organizado sobre o domínio GUERRA (concreto), o qual é utilizado para estruturar o domínio DISCUSSÃO (abstrato), formando a metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA. Essa metáfora conceptual, por sua vez, licenciaria metáforas linguísticas tais como:

Seus argumentos são indefensáveis.

Ele atacou todos os pontos fracos da minha argumentação.

Suas críticas foram direto ao alvo.

Destruí sua argumentação.

(LAKOFF; JOHNSON, 2002)

Percebe-se claramente que a linguagem desempenha um papel central na Teoria da Metáfora Conceptual, uma vez que é por intermédio dela que “a metáfora determina não só uma forma de expressar o real, mas, principalmente, de se construí-lo sócio e subjetivamente” (VEREZA, 2006: 5).

Vale ressaltar que Bordieu (1982 *apud* Oliveira e Paiva, 1998) traz importantes considerações acerca do papel que as palavras, de uma forma geral, desempenham na construção da realidade. Para esse autor, nossas representações

mentais impactam significativamente na realidade, e portanto, devem ser consideradas na descrição dessa realidade.



Segundo Carvalho (2006) “..., as metáforas podem ser usadas com o intuito de persuadir ao sugerir uma interpretação de situações ou acontecimentos tendenciosamente.” Lakoff e Johnson (2002: 356) também sugerem que “A aceitação cega da metáfora pode ocultar realidades degradantes”. Dessa forma, pode-se dizer que as metáforas podem ser utilizadas com significados avaliativos por aqueles que querem persuadir outrem.

Isso posto, pretendemos demonstrar, neste trabalho, como a linguagem metafórica pode introjetar nos falantes o preconceito racial, fazendo com que estes incorporem, de forma inconsciente, valores disseminados na sociedade e se apropriem deles, agindo de acordo.

### 3. Metáforas negras

Segundo nos sugere Oliveira e Paiva (1988),

Em uma sociedade preconceituosa, o negro é visto como ser inferior, primitivo, retardado, perverso, desonesto, tolo, possuidor de maus instintos, sujo, irresponsável, preguiçoso, incapaz etc. Esses preconceitos tornam-se traços semânticos das palavras preto/negro, que vão sendo reproduzidos nas inúmeras metáforas que utilizam essa cor.

(Oliveira e Paiva, 1988: 109)

Não se pode olvidar de que, por muitos anos, os negros foram subordinados aos brancos. Ao longo desse tempo, a linguagem foi utilizada a fim de enfatizar a ideia de submissão e de perpetuar a inferioridade dos negros. Contudo, não apenas a linguagem literal tem sido utilizada para esse fim, mas a linguagem conotativa também tem deixado a sua contribuição e as metáforas linguísticas produzidas ficaram conhecidas como metáforas negras. As metáforas negras são as metáforas linguísticas que fazem uso da cor negra / preta e funcionam como veiculadoras de preconceito racial. Essas metáforas linguísticas seriam licenciadas pela metáfora conceptual BOM É CLARO, RUIM É ESCURO. Essa ideia pode ser facilmente constatada no Sermão da Quinta Quarta-Feira da Quaresma de Antônio Vieira (apud FIORIN, 2015):

As paixões do coração humano, como as divide e enumera Aristóteles, são onze, mas todas elas se reduzem a duas capitais: amor e ódio. [...] Se os olhos veem com amor, o corvo é branco; se com ódio, o cisne é negro.



Observa-se a mesma conotação negativa da palavra negro no seguinte trecho retirado de uma apostila, acerca da antiga retórica, produzida por Roland Barthes (1975):

... constituindo todas essas práticas um formidável sistema institucional (“repressivo”, como se diz hoje), era normal que se desenvolvesse uma derrisão da retórica, uma retórica “negra” (suspeitas, desprezos, ironias) ...

(BARTHES, 1975)

Há aqueles que defendem que há outra origem para as expressões que fazem uso das palavras negro / preto e suas variantes. De fato, a metáfora conceptual BOM É CLARO, RUIM É ESCURO é uma metáfora primária, pois resulta de nossas experiências subjetivas no mundo. Quando estamos em um ambiente escuro, à noite, é comum experienciarmos uma sensação de medo, insegurança, em virtude da falta de visibilidade e de controle da situação. Por outro lado, em um ambiente iluminado, é mais comum sentirmos segurança, uma vez que a claridade possibilita um maior campo de visão. Contudo, em muitos casos, percebe-se que a linguagem não evidencia uma motivação experiencial, mas sim aponta para uma representação culturalmente estabelecida, como a de que o branco representa o bem, e o preto, o mal.

Essa foi a conclusão a que chegaram Siqueira, Parente e Gil (2009) em pesquisa realizada com setenta e uma crianças de três comunidades diferentes. A partir de uma atividade verbal, em que duas perguntas eram feitas às crianças, seguida de outra atividade, não verbal, em que uma figura lhes era apresentada, os sujeitos da pesquisa produziram os seguintes enunciados, entre outros:

“O preto é da guerra, o branco é da paz.”

“É branquinho, nos videogames, o do mal é mais escuro.”

“A cor não está representando nada, mas nos desenhos o escuro é o malvado.”

No estudo em questão, a imagem de dois bonecos de cor verde era mostrada às crianças, um verde claro, o outro, verde escuro. A maioria delas considerou mais relevante a diferença entre o boneco claro e o escuro, sem mencionar a cor verde do boneco. Contudo, vale ressaltar que as pessoas não desenvolvem o preconceito sozinhas, ou seja, ele não é algo inato. Com efeito na lição de Santos (1984),

As ideias vêm da sociedade para dentro das cabeças, através das palavras, dos exemplos, da imitação, das crenças religiosas, de uma infinidade de grandes e pequeninos canais. “Você está preto de sujeira!” Quem ouve isto desde os primeiros meses de vida, dificilmente, mais tarde, fará uma ideia positiva dos negros.”

(Santos, J.R., 1984)

Assim, percebe-se que o preconceito é assimilado antes mesmo de as crianças desenvolverem juízos críticos no que tange aos aspectos da vida e da sociedade.

#### 4. Metodologia

A opção de análise da presente pesquisa foi norteada pela perspectiva que enfoca a metáfora no discurso. Essa opção fundamenta-se no seguinte tripé: 1) a escolha de *corpora* autênticos; 2) a circunscrição desses corpora a partir da noção de discurso (no caso, o discurso jornalístico) e 3) o foco na linguagem conotativa de natureza persuasiva/argumentativa, veiculadora de preconceito racial.

Assim, foram selecionados trechos de diferentes edições do Jornal O Globo *online* em que foram encontradas metáforas negras. Tal escolha deveu-se por duas razões primordiais, quais sejam: o fato de ser este um veículo de fácil acesso por diferentes camadas da população e por sua representatividade para muitas destas camadas.

#### 5. Análise dos dados

Para análise dos dados, buscou-se amparo nos suportes teóricos da Linguística Cognitiva, sobretudo na Teoria da Metáfora Conceptual desenvolvida por Lakoff e Johnson (1980 [2002]) e Lakoff (1983).

(1) Torcedor do Arsenal tenta *denegrir* imagem de Kyle Walker, do Tottenham, com falso vídeo íntimo

Um torcedor do Arsenal ultrapassou todos os limites para denegrir a imagem do zagueiro Kyle Walker, do Tottenham, nesta semana. [<https://oglobo.globo.com/esportes/torcedor-do-arsenal-tenta-denegrir-imagem-de-kyle-walker-do-tottenham-com-falso-video-intimo-15985972>] acesso em 30/11/2017]

(2) No dia seguinte à publicação, que recebeu mais de 523 compartilhamentos até a tarde desta quinta-feira, a jovem foi chamada à coordenação da escola e avisada de que seria sancionada por "denegrir" a imagem do colégio nas redes sociais". Uma amiga também sofreu penalidades e teve a bolsa de estudos cortada.

— Os alunos estavam comentando e compartilhando. Na quarta-feira de manhã, eu e mais uma aluna (que comentou na postagem) recebemos suspensões por denegrir a imagem do colégio. Eles falaram que era errado a gente expor o colégio. [<https://oglobo.globo.com/sociedade/aluna-suspensa-apos-criticar-escola-que-proibiu-discutir-sexo-genero-religiao-em-sala-21967992>] acesso em 30/11/2017]

(3) Lindberg Farias, investigado pela Lava-Jato, diz que há campanha para denegrir Lula. [<http://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/lindberg-farias-investigado-pela-lava-jato-diz-que-ha-campanha-para-denegrir-lula.html>] acesso em 30/11/2017]

Em (1), (2) e (3) há o uso da palavra denegrir em contextos diferentes. Etimologicamente, a palavra denegrir vem do latim *denegrare* e é formada pelo prefixo "de", mais o radical "nigrus" e significa tornar negro. É uma palavra que, na contemporaneidade, apresenta sentido pejorativo na medida em que associa o negro a algo ruim. Assim, nos excertos em questão, em sentido figurado, diz-se que a honra de outrem foi maculada em decorrência da ação do ofensor. Esta mácula traz em si a ideia de coloração escura para que se possa compreender a dimensão do dano causado à outrora límpida honra afetada. Essa imagem claramente reforça a ideia da beleza e da pureza do que é claro (imaculado), bem como da transformação negativa que sofre ao tornar-se escuro.

(4) *Mercado negro* na web é usado para roubar dados de cartões de crédito.

Investigadores na internet descobriram um nutrido *mercado negro* de softwares usados para roubar dados de contas e cartões de crédito. Além de vender softwares ilícitos, hackers se oferecem também como prestadores de serviços, ensinando como infestar computadores e roubar senhas.

(...)

Para não chamar a atenção os hackers preferem agir no escuro, longe dos holofotes. Eles desenvolvem os programas que se instalam no computador e conseguem as informações sigilosas. Aí vão para uma espécie de mercado negro na internet vender esses dados para qualquer pessoa, que nem precisa saber muito de informática para continuar com o crime. [[http://g1.globo.com/jornal-da-](http://g1.globo.com/jornal-da)

globo/noticia/2014/11/mercado-negro-na-web-e-usado-para-roubar-dados-de-cartoes-de-credito.html > acesso em 10/12/2017]

(5) *Mercado negro* de transplantes prospera com rim a 4 mil dólares. [<https://oglobo.globo.com/mundo/mercado-negro-de-transplantes-prospera-com-rim-4-mil-dolares-17781298>] Acesso em 10/12/2017 ]

(6) Conheça o mercado negro de bebidas alcoólicas do Paquistão

Por motivos religiosos, o álcool foi proibido na década de 1970. Uma dose de uísque pode custar até US\$ 50. [<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2010/04/conheca-o-mercado-negro-de-bebidas-alcoolicas-do-paquistao.html>] acesso em 10/12/2017]

Em (4), (5) e (6) há o uso da expressão mercado negro. No âmbito econômico, essa expressão popularizou-se para se referir a transações ilegais, geralmente de compra e venda, de bens e serviços. Dito de outra forma, mercado negro é o mercado em desacordo com as leis vigentes. Essa expressão apresenta traduções literais em inglês, alemão, francês, italiano e espanhol. Há quem diga que sua origem está ligada ao comércio ilegal de suprimentos militares durante a Primeira Guerra Mundial. No Brasil, especificamente, há um agravante histórico, qual seja, o fato de a expressão ter começado a ser usada para referir-se ao mercado ilegal de escravos que vigorou no Brasil após a proibição do tráfico em 1850. Independentemente dos motivos que levaram à criação e ao uso de tal expressão, o fato é que, na contemporaneidade, tal uso reforça a ideia de que a palavra “negro” carrega essa conotação de algo que é ilegal, ilícito, ruim ou indesejável.

(7) *A lista negra* da Petrobras

A Petrobras atualizou o seu cadastro de empresas com as quais se declara impedida de contratar serviços. [[blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/lista-negra-da-petrobras.html](https://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/lista-negra-da-petrobras.html)] Acesso em 10/12/2017]

(8) Nem mesmo os *black blocs*, as violências policiais ou a corrupção sistemática são piores para a imagem de uma democracia que uma “lista negra” semioficial de críticos do governo. [<https://oglobo.globo.com/opiniao/a-lista-do-pt-12915771#ixzz50tnENTvv>] > acesso em 10/12/2017]

(9) O Tesouro americano colocou Zanjani em 2013 em sua *lista negra*, acusado de dirigir uma rede para vender petróleo violando as sanções contra o Irã. [<https://oglobo.globo.com/mundo/ira-condena-magnata-babak-zanjani-morte-por-corrupcao-18817182>] Acesso em 10/12/2017]

Consoante o disposto no dicionário da Academia Brasileira de Letras, uma lista nada mais é do que uma “enumeração de nomes de pessoas ou de coisas; relação, listagem”. Ainda no mesmo dicionário, encontra-se uma definição para a expressão lista negra, presente nos excertos (7), (8) e (9) acima: “relação de nomes de pessoas ou de instituições consideradas não gratas ou prejudiciais ao organizador da lista”.

Vale notar que a lista a que se refere o enunciador do texto nunca é literalmente negra. O adjetivo em questão é usado meramente para designar que se trata de uma lista de pessoas ou instituições, por exemplo, que, por alguma razão, tenham perdido privilégios, mobilidade, ou direito de participação, entre outros. Assim, parece evidente que o adjetivo em questão é usado unicamente com o objetivo de trazer uma conotação mais negativa para a expressão.

(10) Mas Carlinhos lembra de tudo. É capaz de descrever a sala e os quartos, a posição de cada móvel e de cada quadro. Eu, que atualmente ando um pouco esquecida, morri de inveja. *Inveja branca*, é claro. São essas lembranças que nos unem, além de uma afinidade inexplicável que o tempo não destrói. [<<https://oglobo.globo.com/rio/bairros/primo-querido-14216147>]

(11) Não tenho problemas com quem dirige uma Ferrari. Mas tenho uma *inveja branca*— talvez um pouco mais para a dourada, e de belo perlage — de Matteo Lunelli. Diariamente, ele experimenta uma bela Ferrari, não o bólido, claro, mas a Giulio Ferrari, dos rótulos dos espumantes mais admirados do momento. [<<https://oglobo.globo.com/cultura/para-vender-peixe-17257772>]

O uso do adjetivo “branca” na expressão “inveja branca” presente nos excertos (10) e (11) sugere que a diferença entre sentir inveja de alguém e sentir inveja branca de alguém é significativa. Com efeito, a inveja é o sentimento de desgosto, ódio ou pesar provocado em uma pessoa pela felicidade de outra. Contudo, se a inveja é branca, o sentimento de uma pessoa por outra é o de admiração. A ideia do branco como algo positivo retira da expressão boa parte de sua negatividade, direcionando o entendimento do receptor no sentido de compreender que se a inveja é branca, ela é boa, positiva. Portanto, o uso do adjetivo “branca” torna a inveja um sentimento aceitável.

## Conclusão

Os estudos em metáfora, na perspectiva da Teoria da Metáfora Conceptual, defendem que essa figura direciona nossa forma de pensar, falar e agir. Neste trabalho, procuramos demonstrar que o uso reiterado de metáforas veiculadoras de preconceito – as metáforas negras –, contribui para disseminar o preconceito

racial. Assim, acreditamos que por meio de um olhar mais crítico, é possível desvelar aspectos relevantes de significação, e até mesmo de ideologias, que podem estar por trás de seu uso.

O preconceito racial se reproduz, por meio da metáfora conceptual BOM É CLARO, RUIM É ESCURO no que se fala e faz, muitas vezes, sem que se perceba. Todavia, vale ressaltar que não se pretende defender a ingênua ideia de que o mero combate ao uso de metáforas negras ou de qualquer outra palavra ou expressão que veicule preconceito em um dado discurso é o suficiente para se mudar atitudes discriminatórias fortemente arraigadas. Mesmo assim, é importante trazer essa discussão à tona, pois evitar o uso de termos mais fortemente identificados com atitudes racistas pode ser um instrumento eficiente na luta contra o preconceito.

Apesar de importantes avanços no que tange à melhoria da qualidade de vida da população negra, é inegável que o Brasil está longe de ser uma democracia racial. Por isso, mister se faz que a sociedade encontre meios mais humanos para lutar contra o preconceito. Uma vez que as palavras têm o poder de machucar e de segregar pessoas, é importante usarmos uma linguagem que não produza discriminação, que não revele preconceitos. Não obstante, deve-se respeitar sempre a natureza e o funcionamento da linguagem.

## Notas

1 A edição brasileira dessa obra intitula-se *Metáforas da vida cotidiana* e foi traduzida pelo Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora (GEIM) em 2002.

---

## Referências

---

BARTHES, Roland. **A retórica antiga**. In: COHEN, Jean et al. *Pesquisas de retórica*. Trad. de Leda Pinto Mafra Iruzun. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 147-232.

CARVALHO, S. N. **Metáfora, Cultura e Ideologia** – A Representação Política de um Governo através do Discurso In: *Revista Philologus* ano 13 nº 38 [www.filologia.org.br/revista](http://www.filologia.org.br/revista) último acesso em 26/01/2011.

FIORIN, J.L. **Argumentação**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

HELER, A. **"Sobre os preconceitos"** In: *Cotidiano e a História*. São Paulo: Paz e terra, 1988.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. **Metáforas da Vida Cotidiana**. Campinas – São Paulo: Mercado de Letras/ EDUC, 2002.

\_\_\_\_\_. **Metaphors We Live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

MARQUES, E. **Estruturas do Discurso Jornalístico.**  
<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2008/resumos/R12-0528-1.pdf> acesso em 30/11/2017

OLIVEIRA E PAIVA, V.L.M. **Metáforas Negras.** In: OLIVEIRA E PAIVA, V.L.M. (org.) **Metáforas do Cotidiano.** Belo Horizonte: Ed. do Autor, 1998.

SANTOS, J.R. **O que é Racismo.** Editora Brasiliense: São Paulo, 1984.

SARDINHA, T.B. **Metáfora.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SIQUEIRA, PARENTE & GIL. **Metáfora e Cultura:** uma Interface entre a Linguística e a Antropologia. In: *Revista Antares Letras e Humanidades* nº 2, 2009.

SANTOS [VIEIRA], R.C. **O Papel da Linguagem Metafórica no Discurso Jornalístico In: Revista Icarahy (UFF) nº4** 2010.

---

### Para citar este artigo

---

VIEIRA, Roberta da Costa. Metáforas negras – o preconceito racial inscrito na linguagem. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 7., n. 2., JUL-DEZ, 2018, p. 1-15.

---

### A Autora

---

**Roberta da Costa Vieira** é Professora de Português Jurídico e Argumentação Jurídica na Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro (EMERJ). Professora assistente na Universidade Estácio de Sá (UNESA) dos cursos presenciais de Direito e Administração. Possui Mestrado em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Inglesa também pela UFF. Atualmente cursa Direito na Universidade Estácio de Sá (UNESA).